
BIBLIOGRAFIA (DIÁRIO) DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Cap. 9 – Diário da Tigró (1ª Parte)

1 – DIÁRIO DA TIGRÓ – 1º Caderno (Ano 1960)

Página

2

Transcrito do Diário da Tigró por:
José Nilton de Paiva e
Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões comentários, críticas e/ou complementações (textos, relatos, etc.) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

PRECE (Contra-Capa do 1º Caderno da Tigró – Ano de 1960):

Santa Família de Nazaré, graças vos damos por tantos benefícios recebidos neste ano de 1960.

Alcançai para todos os membros de nossa família as mais preciosas bênçãos e que gozemos sob vossos auspícios, as doçuras da paz que Jesus prometeu às famílias cristãs. Jesus, José e Maria, iluminai-nos, socorrei-nos e salvai-nos.

Cria em mim, oh Deus, um coração puro e renove nas minhas entranhas um espírito reto.

15 de Maio de 1960 – Recebimento de uma Graça

Acabo de receber uma grande graça da Sagrada Família e todos os Santos, graça que venho pedindo e rezando há quase 10 anos. Eu estava com 12 anos, quando mudamos para Pouso Alto. Saí dos Pimentas, terra onde nasci e passei toda a minha infância. Que tempo bom foi aquele. Morei 10 anos em Pouso Alto na Chácara Santa Cruz, também não foi muito ruim. Lá se realizou o casamento das minhas três irmãs mais velhas, uma já era casada. Restava da irmandade quatro solteiros: eu, mais duas irmãs e um irmãozinho caçula, que futuramente será um padre.

Minha irmã mais velha, casada com um fazendeiro, ficou viúva com dois filhos pequenos. Recebeu de herança do marido uma fazendinha. Então o papai vendeu a Chácara e viemos morar aqui com ela. Há quase dez anos estamos residindo na sua propriedade. Está muito bom. Todos trabalham para beneficiar a fazendinha dela.

Mas eu, que sou solteirona e não pretendo me casar, pedi à Nossa Senhora, que me ajudasse a comprar um pedacinho de terra para que com meu esforço e trabalho, fizesse o lar mais querido de todos. E hoje, que dia cheio de graça, recebi a escritura do terreno. Oh, que felicidade, que alegria, meu Deus! Oh, bendito és tu, mês de maio. Oh Maria, minha boa mãe, eu vos agradeço. Até amanhã. De hoje em diante, contarei tudo.

16 de Maio de 1960 – Minha querida Providência

Acabo de chegar da horta da minha querida Providência. Hoje foi o primeiro dia que contemplei e admirei com grande satisfação o meu pedacinho de terra, o qual batizei com o nome de Providência. É em gratidão à Nossa Senhora. Na horta passo grande parte do meu tempo fazendo plantações de verduras, legumes e arvoredos. Faço isto todos os dias com muito prazer, ainda mais agora, que tenho nas mãos a escritura, farei com mais gosto.

Agora vou preocupar em fazer uma casa melhor para nós, pois estamos morando numa tapera torta, cai não cai. Quando dá uma chuva de vento, ou quando a lambreta passa, ela balança toda. A mana rica não está incomodando, mas se Deus quiser agora a casa nova vai ser feita, nem que seja a machadada.

17 de Maio de 1960 – Minha Horta: Uso e Fruto da Humanidade

Hoje, trabalhando na horta, fiz a colheita de batata doce. Tirei batata de três quilos. Preparei dez canteiros e eu e as manas os enchemos de alface, chicória e acelga. Enquanto trabalhávamos fazíamos comentários sobre a Providência. Dorinha falou:

- Eu não sou herdeira, mas pelo menos eu sou comedeira dos frutos.

Zuza, que está querendo casar, brincou:

- É bom que você morra logo, assim eu fico arranchada, caso e não preciso mudar.

Então eu respondi:

- Vamos fazer um trato. A Providência é minha, mas o uso e fruto é da humanidade.

A Dorinha é uma das irmãs casadas e tem 12 filhos. Morava em Maringá no Paraná. Mas, por motivo de força maior, está morando aqui por enquanto, até que seu esposo arrume uma boa colocação. A mamãe está acamada, meio doente. O papai saiu a cavalo, tocando o gado para recolher na Palhada.

Nós continuamos o nosso trabalho na horta conversando. Rimos muito às custas da Zuza fazendo seus castelos e preparando a festa do seu casório, só na imaginação. Nisto chegou a Alaíde que disse:

- Como está ficando bonita a horta! Quanta verdura!

Eu disse:

- Leva um pouco e vai preparar um bom jantar para nós. Estas verduras são da humanidade.

Ela como não estava à par da brincadeira, não fez caso. Alaíde é a mana viúva, a dona da fazendinha. Bem, até amanhã. Estarei de volta. Boa Noite.

18 de Maio de 1960 – Último Capítulo da Novela (de rádio), com Pipocas:

Hoje fui cedo para a horta, mas o expresso passou e chegou nele o irmão da mamãe com a mulher e filha. Não fiz mais nada. Vim almoçar e ficamos batendo papo recordando o passado. Depois fomos para a casa da Dorinha e só viemos na hora do trem.

À tardinha chegou. O Zé Ferreira, meu cunhado, trouxe um cargueiro de toucinho. O Zé é casado com a Iolanda, minha irmã mais nova. Mora na fazenda da sogra.

À noite, enquanto esperávamos o último capítulo de uma bonita novela, a Zuza rebentou um quilo de pipocas, que ficou uma delícia. Eu ainda vou fazer quentão para o povo que está fazendo serão para debulhar o milho. Está fazendo muito frio e a turma está gritando para correr com o quentão. Até amanhã.

19 de Maio de 1960 – Fatura

Estou cansadíssima. São 9 horas, trabalhei o dia todo. Desmanchei e fritei um capado, recolhi 30 quilos de milho no paiol e ainda preparei 8 canteiros para plantar alho. Papai e Alaíde foram para a cidade receber o arrendo de milho de um camarada da fazendinha da Alaíde. A colheita este ano está bem favorável, graças a Deus. Feijão, arroz e batata sobram na despensa. Milho por enquanto sessenta cargueiros e ainda não acabei de colher. Tem bastante arrendo para receber dos colonos. Mamãe levantou um pouco, está passando bem melhor. Mamãe sempre foi forte e trabalhadeira, mas agora, com a idade bem avançada e sua saúde, exige muito repouso. Até amanhã.

20 de Maio de 1960 – Como é Bela a Natureza / Visita da Bebé

Hoje passei o dia todo no Cafundó. Lá é o lugar onde fazemos as plantações, em uma grota e um bachadão onde tocamos a lavoura. É o melhor terreno da fazendinha. Passei o dia limpando e desbotando os pés de fumo. Na solidão e o silêncio em que eu me encontrava, então pude contemplar a beleza da natureza: o lindo fumar, as verdejantes montanhas, a água brotando na pedreira, o céu azul de um sol de estio, o cantar dos pássaros, como é bela a natureza.

De repente, para quebrar o silêncio, ouvi lá de longe a voz de meu pai que vinha montado no seu cavalo baio e um bonito cão o acompanhava, trazendo as vacas para o pasto bom e também trouxe-me o café. Ambos sentamos à sombra de uma grande árvore, à beira de um córrego, para saboriarmos o lanche. Que delícia, café com leite e bolo de fubá com amendoim. Em conversa papai me disse que está muito bonito o Fumar. Deus ajuda quem trabalha. O tesouro está na terra e o trabalho é oração.

À tarde, quando cheguei em casa, a Isabel estava aqui. Veio nos fazer uma visita. Ela é a nossa irmã que se casou primeiro. Casou-se com 19 anos com um velho de sessenta anos. Mas felizmente vivem muito bem. Tem 9 filhos. Antes ele não tinha muita religião, mas hoje é um católico praticante. Com ela foi o terceiro casamento. Ele era viúvo, com 12 filhos, mas todos criados e já casados. Dos 9 dela, uma forma-se este ano, 3 estão no seminário e 5 ainda estão pequenos. Até amanhã.

21 de Maio de 1960 – Visita da Tia Carmita

Comecei muito bem o dia. Levantei muito cedo e em companhia da mana Isabel fomos à fazenda do Aterrado que fica meia légua daqui. Passamos pelo atalho.

Isabel foi a fim de angariar votos para sua filha que está no concurso em benefício da igreja. Ela foi bem sucedida: ganhou um carneiro, uma leitoa e 5 dúzias de ovos. Fizemos a caminhada correndo e as 10 horas ela pegou o trem para sua casa.

Tia Carmita veio junto com o papai. Eu estava na horta e ela foi para lá e me ajudou a arrancar batatas e feijão. Também achamos no meio do mato duas abóboras que pesavam uns 20 quilos cada uma. Zuza chamou para jantar, fomos para casa e ficamos batendo papo até tarde. Até amanhã.

22 de Maio de 1960 – Domingo, Dia de ir à Missa

Domingo é um dia diferente. Tenho que ir à missa. Apesar de morar na roça, acho que não estou dispensada. Tia Carmita estava aqui em casa e me convidou para irmos fazer uma visita a um menino enfermo aqui perto de casa, o qual estava agonizando, mas no juízo perfeito, ainda conversa muito bem. Ficamos comovidas de ver o quanto ele estava sofrendo. Eu fiquei mais comovida com as belíssimas palavras de conforto que a tia Carmita dirigia ao menino e aos pais. De fato eu reconheço, tia Carmita é mesmo cem por cento. Ela é irmã do papai, é viúva e tem um casal de filhos: Eduardo e Alda, que também são muito bons, são o modelo de família.

As 4 horas pegamos o trem rumo a São Lourenço, onde mora a tia Carmita. Chegamos na casa dela e logo saímos para a igreja assistir a missa vespertina. Depois fui ao cinema junto com a Alda, retornamos para casa de cata gecas e fomos dormir.

23 de Maio de 1960 – Chegada da Inês

Amanheci na casa da tia Carmita e saímos cedinho para ir a missa. Depois fomos ao cemitério. Passamos na casa de uma prima e lá estava uma outra parenta que mora no Paraná, chamada Inês. Nós a queremos muito. Ela é irmã das irmãs do papai. À tarde eu, Inês e Alaíde, pegamos o trem rumo a Providência. Chegamos em casa. Zuza estava com a janta pronta a nossa espera. Papai e mamãe ficaram muito alegres com a chegada da Inês. Ficamos batendo papo até as 10 horas.

Inês é solteira, já de bastante idade, é filha da terceira mulher do vovô Sebastião. A mãe dela casou-se pela segunda vez com o vovô e o vovô foi a terceira vez.

A primeira foi a mãe de 6 filhos, o papai é o mais velho de todos. Com a segunda teve um filho e com a terceira teve 5 filhos. A Inês é filha da terceira com o primeiro marido que era irmão do vovô. Por isso ambos são parentes bem chegados e também a terceira foi quem nós a conhecemos como avó.



Alda e Tigró

24 de Maio de 1960 – Lembranças e Saudades dos Velhos Tempos

Eu gosto muito de conversar com as pessoas mais velhas e recordar o passado. Gosto que me contem os tempos de outrora. Eu também já fui criança e recordo com saudades e até conto histórias do meu tempinho para os sobrinhos.

Hoje passei o dia conversando com a Inês, lá na casa da Dorinha. Elas recordaram de quando foram vizinhas em Maringá, da Casa Grande, do vovô Sebastião. A Inês dizia: – Que saudade, que tempo bom. Vocês se lembram?

Eu é que posso contar. Naquele tempo tudo era melhor. Quando tinha um casamento eram oito dias de festa, era uma fartura que muita gente até ficava doente de tanto comer leitoa, frango, cabrito, latas de 20 quilos cheias de doce em calda. Agora tudo mudou. As pessoas mais moças estão mais fracas que os velhos. Você já prestou atenção que o povo procura a madeira mais velha para fazer casa e que a mais nova não está valendo nada? Eu pensei cá comigo, que vale que eu estou indo pro meio da velhice.

25 a 28 de Maio de 1960 – Visita da Tia Donana, Alda e Maria Benjamim

Só agora que foi possível voltar a conversar. Quinta feira foi dia santo, dia da Ascensão de Nosso Senhor.

Houve festa em Pouso Alto. Isabel era festeira. A turma embarcou no trem das 9 horas para a festa. Aqui em casa só ficaram mamãe, papai e eu. O trem cruzou aqui e desembarcou a tia Donana, irmã da mamãe e a Alda com a Maria Benjamim. Eu que estava jururu por não ter ido à festa, fiquei muito alegre com a chegada das visitantes. Mamãe também ficou, pois há tanto tempo que ela não batia papo com a mana.

Tia Donana é a caçula dos 10 filhos da vovó Escolástica, mãe da mamãe. A família da mamãe é numerosa, pois só a tia Donana tem 20 filhos. Maria Benjamim é filha de uma escrava do meu bizavô. Alda é filha da tia Carmita, minha querida prima sobrinha e afilhada do papai.

Depois do almoço saímos passeando pela horta e chegamos até a casa da Dorinha. No caminho a Alda me convidou para ir com ela em junho passar as férias dela no Rio. Eu acho que é uma ótima oportunidade, porque eu ainda não conheço o Rio, nunca fui lá. À tarde fui com a Alda assistir a missa vespertina e dormir na casa dela.

Dia 27, sexta feira, comecei a novena do Divino Espírito Santo. Fui à missa cedo e às 9 horas peguei o trem e cheguei em casa. Sábado, dia 28, tia Carmita veio a pé pela linha, para me ajudar a colher a primeira safra de fumo. Trabalhamos o dia todo e o serviço rendeu. Colhemos o bacheiro, penduramos e limpamos todo o Fumar.

29 de Maio de 1960 – O que interessa é não perder a missa no domingo.

Hoje, domingo, tia Carmita e papai almoçaram e foram fazer a sesta. Mamãe está rezando porque não pode ir à missa. Alaíde, Zusa e Abigail foram à missa e já devem estar de volta. Elas foram de charrete.

A charreteira é a Zuza. Ela é disposta e sabe muito bem manobrar os cavalos. Eu, como não tenho muito jeito para domar cavalo, só tenho que esperar o trem. Já são quase 2 horas. Vou preparar o café e tratar de aprontar para sair. O trem para aqui as 4:30 horas. Agora mesmo a tia Carmita levantou e quer tratar de sair. Se o trem estiver atrasado ela topa fazer a caminhada a pé, nem que esteja um sol de estio. O que interessa é não perder a missa no domingo.

30 de Maio de 1960 – Novena / Visita da Landinha

Quase toda segunda feira eu amanheço na casa da tia Carmita, pois a casa dela é como se fosse minha. Sou acolhida com muito afeto e carinho, tanto por ela como também pelos dois filhos: Eduardo e minha querida Alda. Às 6 horas da manhã saímos e fomos à missa. Confessei e comunguei e fomos ao cemitério. Estamos eu e tia Carmita fazendo a novena de segunda feira. Hoje é a segunda. O cemitério é bem longinho. Quando cheguei na Estação o trem já tinha passado. Então voltei para casa da tia, tomei um café reforçado e fui para casa a pé pela linha. Cheguei em casa as 11 horas e pouco. Almocei e depois fui para a horta e ainda tirei uma boa tarefa.

À tarde chegou aqui em casa a Iolanda com as três filhinhas: Salete, Fátima e Terezinha. Eu fiquei muito contente porque Alaíde e Zuza estão de saída para assistir um casamento em Aparecida. Foi bom ela ter vindo, porque eu não fico sozinha.

31 de Maio de 1960 – Coroação da Virgem Maria

Hoje, último dia de maio. O ano passado o encerramento do mês de maio foi com uma belíssima coroação, composta dos patriarcas, dos apóstolos, dos confesores, dos mártires, do coro da Virgem e mais uns 300 anjos. Foi um espetáculo maravilhoso. Eu e Alda tomamos parte. Vestimos de Virgem. Eu fiquei tão deslumbrada e comovida na hora da coroação, que nem percebi que minha lâmpada tinha apagado. Teva muita gente. O Largo de São Francisco ficou repleto. Quando terminou, descemos e encontramos com a tia Goíca. Ela me disse pesarosa: – Que pena que sua lâmpada apagou. Eu respondi: – Pois isso não foi nada, o pior foi que eu pisei na barra do manto e descosturou-se todo na cintura.

Bem, espero passar o mês de junho como passou o mês de maio. Agora vamos consagrá-lo ao Coração de Jesus.

6 de Junho de 1960 – Primeira Comunhão dos Filhos da Dorinha / Filhas de Maria / O Broto

Só hoje foi possível voltar ao nosso bate-papo. Esta semana passada não tive tempo de sobra.

Desde segunda até sábado estive ajudando a Dorinha a preparar os meninos para a Primeira Comunhão. Foi num dia muito bonito que eles receberam Jesus pela primeira vez: no primeiro domingo de junho e também do Divino Espírito Santo.

Como o dia da Primeira Comunhão nunca deve ser esquecido, eu preparei uma festinha para esperar mamãe, Dorinha e os meninos, que foram de véspera para a cidade e vieram depois da missa. Quando aqui chegaram, a mesa já estava posta e nós, com satisfação, sentamos à mesa: mamãe, Dorinha e os 12 filhos, Zuza e eu. Papai e Alaíde não tomaram parte porque foram à missa das 10 horas e não deu para chegarem a tempo.

Como era primeiro domingo e dia de reunião das Filhas de Maria, eu teria que estar na igreja as 2 horas e como não era hora de trem, eu fui a pé pela linha, mas cheguei um pouco atrasada. Quando entrei na sede, foi grande a minha surpresa, quando dei com os olhos com uma Filha de Maria, a qual há 5 meses havia se despedido da reunião, a fim de entrar no Carmelo. Nós que pensávamos ter nos separado para sempre, ficamos atônitas. Ela, sempre com ar sereno, meiga, dócil, foi nossa querida diretora. Narrou-no que o seu ideal era permanecer no Carmelo, mas obedecendo à vontade de sua família, que é contrária a religião, quis a providencia divina, que ela voltasse para junto de nós. Nós lamentamos o acontecido por ser o seu ideal, mas no íntimo, nós ficamos bem contentes, porque ela é muito dedicada ao serviço de Deus. É o baluarte, o braço direito de todas as funções religiosas e faz tudo por amor a Deus e pela conversão de sua família.

Na primeira sexta feira fui a missa e quando cheguei em casa da tia Carmita, a Alda disse-me:

- Você não é capaz de adivinhar quem acabo de encontrar, estava conversando ali no jardim com o Eduardo, eu não o reconheci porque faz muitos anos que nós não o vemos, ele não é mais aquele menino de quando éramos crianças e brincávamos juntos, você lembra do José Alves?

Eu recordei então do menino. Ele era nosso vizinho, eu até não gostava muito dele porque ele esperava a gente ficar distraída e “zaz”, me passava uma rasteira e sempre me fazia rolar na poeira.

No dia seguinte, sábado, fui à missa cedo e fui para a Estação para pegar o trem para casa. Quando despedi-me da Alda ela me disse:

- Vê se encontra com o broto, ele disse que vai para São Paulo hoje. Você vai viajar com ele.

Alda me deu todos os dados como ele se trajava: roupa cinza, de óculos e anel de pedra verde. Quando cheguei, foi a primeira cara que vi. Estava conversando com um amigo bem na porta de entrada. Pelas informações da Alda vi que era o tal. De fato, Alda tinha razão, o menino tornou-se um doutor. Mas para que eu tivesse certeza, antes de me aproximar, esperei ele tirar a mão do bolso e fazer brilhar o anel. Daí eu cheguei na frente dele e disse-lhe:

- José, você é ainda capaz de me dar uma rasteira?

Ele me olhou meio assustado e disse:

- Eu te conheço, mas não me lembro do seu nome, também faz apenas 20 anos que fui para São Paulo. Apesar de ter passado tantos anos, sou capaz de conhecer todos os companheiros de minha saudosa infância.

O trem atrasou e nós tivemos tempo para conversar. Ele prometeu voltar no dia 15 para passar uns dias conosco. Até amanhã.

10 de Junho de 1960 – Rotina, Trabalho na Horta.

Faz hoje 4 dias que não conversamos. Mas não há nada de anormal, é sempre a mesma rotina. Hoje passei o dia na horta trabalhando e admirando a plantação que está ficando muito bonita. Zuza foi à cidade e trouxe-me 10 mudas de pinheiros já bem grandinhos e pegos.

Também plantei mil pezinhos de cebola de cabelo, arranquei 20 quilos de mandioca para vender e tirei o fumo do andaime. Amanhã será a distala. Vou mandar buscar a tia Carmita para nos ajudar. Ela gosta e sabe lidar com fumo, de fazer e também de saborear uma fumacinha de fumo bom e feito com capricho. Eu também gosto de aproveitar a binga.

Hoje descarrilou um trem de carga, paralisou o trânsito. A linha ficou movimentada de gente por todo lado: a turma das 4 cidades vizinhas. Boa noite, até amanhã

11 de Junho de 1960 – Acidente com o Valter, filho da tia Goica.

Hoje era dia de distala de fumo, mas o papai foi buscar a tia Carmita e ela não pode vir porque chegou na casa dela uma irmã e um sobrinho, que está ferido. Foi fazer uma viagem e a porta do carro abriu e ele caiu longe, uns 10 metros, e machucou-se muito, foi salvo por um milagre. Isto aconteceu na Serra de Pedralva. Foi para Cristina, onde é sua residência, mas não encontrou médico. Então veio para São Lourenço. Foi para o hospital, fez curativo e está na casa da tia Carmita. Amanhã vou fazer-lhe uma visita. Ele é um bom rapaz, merece a estima de todos. Ele é o Valter, filho da tia Goica, irmã do papai. Bom, já vou descansar, amanhã conversaremos mais.

15 de Junho de 1960 – Tristeza: Não deu certo o negócio do arrendo do Cafundó.

Estou quase não agüentando a vontade de chorar, uma tristeza que invade minha alma, quase que em vão procuro consolar-me. Sei que Deus não dá sofrimento sem que possamos suportá-lo. Acabo de perder as esperanças do papai fazer o negócio do arrendo do Cafundó. Eu acho que seria um ótimo negócio, com gente de casa.

O Zé Dotte, meu primo, queria arrendar por quatro anos e compraria 10 vacas a 12 contos cada e pagaria de arrendo 80 contos por ano. Entraria com o pagamento das vacas e mais 220 contos por conta do arrendo. Achei que ele fez uma ótima proposta. Mas papai pediu quase outro tanto e não puderam entrar em acordo. Eu estava pedindo a Deus que o negócio se realizasse, porque Alaíde e papai estão apertadíssimos com umas letras vencidas no Banco e também uma particular que está perigosíssima.

16 de Junho de 1960 – O triste Piado do Pássaro / Corpus Christi

Agora de manhã não me foi possível conter as lágrimas. Sonhei a noite toda com a tal letra e os negócios do papai. Acordei com um piado de um pássaro na janela, num galho de árvore, que fica ao lado do meu aposento. Não sei bem se sou supersticiosa. Achei que o piado estava me insultando, pois dizia tristemente: – Sem fim, sem fim, sem fim ... Abri a janela, tudo me pareceu triste, o ar parado, e ainda avistei dois urubus. Isto para mim consta desgosto.

Hoje, um dia tão grande, dia Santo de Guarda, di de Corpo de Deus. Vai haver em São Lourenço procissão do Santíssimo, missa vespertina e manifestação para a chegada do Bispo. Eu vou, se Deus quiser. Não devo me aborrecer com tão pouco. Acho melhor deixar de lamúrias e ter mais confiança na Providencia Divina e seja feita a vontade de Deus. Até logo.

Acabo de chegar da cidade. Viemos a pé, depois que terminou a missa. A procissão do Santíssimo foi uma verdadeira maravilha. As ruas enfeitadas com muito gosto. O carro que arrumaram para o padre levar o Santíssimo foi lindo. Tudo muito bem organizado e com cânticos comovedores. O coro ecoava no alto falante da igreja e o povo cantava a uma só voz.

O padre deu o aviso que às 10 horas da manhã faleceu Dom Inocêncio, Bispo de Campanha, com 80 anos de idade. Sua Santidade ordenou mais de 80 padres no seminário de Campanha. Bom, vamos tratar de dormir, já é muito tarde e eu estou bem cansada. Já pensou o que é fazer a caminhada de São Lourenço até aqui?

17 a 20 de Junho de 1960 – Festa de Casamento na Roça

Nestes dias não tive tempo. Todos os minutos contados, pois além de tanto serviço que uma horta apresenta e a falta de camarada, há uma fartura de formigas destruidoras, que são tão ligeiras, que em uma só hora, destroem as plantinhas que eu levo meses para adquirir. Mas se Deus quiser, hei de vencer e acabar com as formigas e ver todo o terreno da Providência plantado. Quero que não fique um palmo de terra vazio.

No dia 18, domingo, a Alda veio aqui e trouxe-me um belíssima carta do mano que está em Roma.

Dia 20, segunda feira, como de costume, amanheci na casa da tia Carmita. Fomos à missa e no cemitério. Depois almocei junto com o Valter. Depois do almoço Alda foi lecionar e eu peguei o tope para casa. Zuzá me convidou para irmos cumprimentar os recém-casados que acabaram de chegar: ele com 60 anos e ela com 68 anos. Puxa, eu acho que perdi as esperanças meio cedo, agora que estou beirando os 30. De repente vou ver se arrumo um velho, nem que seja viúvo, pois o Zé G. ou o Chico Purria, dois viúvos bacana, tá pra lá de bom.

Eu aceitei o convite e fomos. A Dorinha com os filhos também. A Alaíde já estava lá, ela foi a madrinha da noiva. Até que a festança teve bem divertida: churrasco, cachacinha, café com pau-a-pique, uma big fogueira no vasto terreiro e um sanfoneiro logo ferveu o samba. Eu de par com os criolinhos sambei a noite inteira. A noiva que estava com seu vestido branco parecendo uma pipoca, currupio até cansar, mas o pobre do noivo, coitado, falou em publico:

– Minha gente, vocês vão me desculpar, eu não vou dançar, porque a botina me extrupiou meu pé.

No dia seguinte eu não fui gente pra fazer coisa alguma. Passei o dia todo cochilando em pé, uma zoeira do toque acelerado da sanfona de oito baixos. Eu com tanto serviço e não poder fazer nada, só porque não reconhece que passar uma noite sambando com a tigrada é a maior das extravagâncias, mas quem mora na roça, numa convivência mixuruca, acaba ficando biruta. Até amanhã

22 de Junho de 1960 – Fechado o negócio do Arrendo do Cafundó com o Zé Dotti

De hora em hora, Deus melhora. Graças a Deus, agora sim, estou muito contente. Até parece que remocei 10 anos. José Dotti veio aqui e decidiu o negócio do arrendo do Cafundó e comprou 10 vacas. Acho que papai fez um ótimo negócio. Faço votos que o Zé Dotti seja muito feliz, que Deus o ajude no progresso na criação do gado, que tire bastante leite, na criação de porcos, de galinha e também da lavoura.

José Dotti é boa pessoa, casado, tem 3 filhinhos, sua esposa também é muito boa e filha de um fazendeiro forte em Pouso Alto e ambos são religiosos e de boa família.

Agora vou ajudar meu pai a arranjar os cargueiros para levar milho lá no armazém do Dotti e trazer a leitoada para soltar no Cafundó. Os tropeiros estão acabando de almoçar, papai já está com o cavalo arriado, tudo pronto para sair. O armazém e a residência do Dotte são na cidade em São Lourenço.

Agora, se Deus quiser, papai tira a letra que estava para ser protestada. Ai que alívio, esta foi uma grande graça, considero mesmo um milagre. Espero e confio no Coração de Jesus, que este negócio seja abençoado, pois hoje terminei a grande e poderosa novena do Coração de Jesus. Estou com toda confiança, rezei e entreguei nas mãos de Deus. Tudo parece que está bem encaminhado, na maior ordem e na paz de Deus. Sagrado Coração de Jesus, tenho confiança em Vós. Até amanhã.

23 de Junho de 1960 – Festa de São João

Hoje, véspera de São João, toda a redondeza está em alvoroço com os preparativos para a festa.

Aqui no bairro de Américo Lobo tem dois moradores, nossos vizinhos, que todos os anos fazem festa: um é na véspera e o outro no dia de São João. Eu sou muito devota de São João, mas desta vez acho que não vou, não estou com disposição de ficar em roda da fogueira, comendo batata doce, bebendo quentão e com os ouvidos tontos de tanto foguetes. Agora contento só com a recordação do prazer que eu tinha nos anos passados. De maneira alguma eu perdia e topava tudo. Mas agora, não tenho mais entusiasmo porque que eu tinha prazer de dançar já não mora mais aqui e também o Zequinha já casou.

24 de Junho de 1960 – Posse dos Terrenos do Cafundó pelo Zé Dotti

Zé Dotti está aqui. Veio tomar posse do terreno e separar as vacas que ele comprou. Ele e pai acabaram de sair para dar umas voltas, percorrer todo o Cafundó, que agora por quatro anos pertence ao Dotti. O Cafundó agora será administrado por novo fazendeiro, ainda bem moço e disposto ao trabalho. Assim que eles saíram, eu ajoelhei para elevar preces a deus, para que papai e Dotti fiquem contentes e para que não haja discórdia, que ambos cumpram com lealdade o que foi tratado.

Alaíde está de cama, acho que é de tanta alegria. Acho que ela tem razão. Não há dinheiro que pague sossego, despreocupação e não dever nada.

26 de Junho de 1960 – Formigas

Hoje, sábado, amanheceu brusco, uma chuvinha fininha, boa para a horta, que está uma maravilha. Mas as formigas estão danadas, basta ameaçar chuva, elas se alvoroçam. E haja plantas para elas carregarem. Se eu não tivesse enfrentado a chuva e não fosse mais depressa, lá se ia um lindo canteiro de couve-flor. Coloquei a maquina com veneno no formigueiro e matei mil e uma formigas.

27 de Junho de 1960 – Enterro da Nhanha em Pouso Alto

Hoje, para ir a missa, peguei outro rumo. Ouvi missa na igreja de São Sebastião do Rio Verde e depois fui para Pouso Alto para a casa da mana Isabel. Às 2 horas foi o enterro da Nhanha, que morreu com quase 100 anos. Ela podia dizer: – Minha neta, dê cá teu neto. Para a população de Pouso Alto ela deixou muitas saudades.

28 de Junho de 1960 – Chuvas

Segunda feira, as 5:30 horas, Isabel me chamou para irmos a missa das 6 horas. Depois fomos ao cemitério. Às 8 horas eu, Alaíde e os dois filhos, saímos rumo a Estação em São Sebastião, para tomarmos o trem para casa.

Choveu o dia todo. Eu nunca tinha visto chover assim nas festas juninas, com trovoadas. Também está um tal de tremor de terra, principalmente nas cidades de águas minerais. Isto poderá ser algum aviso. Que Deus nos livre de vulcão.

Como eu não podia trabalhar na horta, passei o resto do dia fazendo crochê e também debulhei 6 litros de amendoim para plantar no dia seguinte. Agora vou jantar. Até amanhã.

29 de Junho de 1960 – Indigestão de Pato

Hoje, dia de São Pedro, tia Carmita e o Valter passaram o dia aqui conosco. A Alda esteve aqui, mas ela fez como o beija-flor, nem bem chegou, logo saiu, parece que veio só para levar a mãe e o Valter. Eu estava tão contente de estar passando umas horas de agradável palestra ao lado do Valter. A Alda bem que me convidou: – Vamos hoje, está passando um ótimo filme. Mas eu estava cambaleando, estava “três por duas”. Olha, que indigestão de pato é um horror. Eu estou com vontade de só ir para cama. Não quero nem pensar em comida. Nem queira saber o quanto me custou preparar o almoço e servir as visitas. Para mim estava parecendo que o pato estava querendo voar e mergulhar no rio Verde.

30 de Junho de 1960 – A Hortinha

Hoje ainda passei o dia bem indisposta. Levantei e fui dar umas voltas para ver se me recuperava o ânimo e o apetite. Fui andando e cheguei lá na hortinha, onde era o retiro. Eu aproveitei o curralzinho fechado e bem esterçado para plantar. Quando eu não tinha a horta da Providência, só trabalhava na hortinha, mas tendo agora, mais perto, a horta nova, passei muito tempo sem ir a hortinha, mas hoje foi grande o meu prazer ao contemplar aquele pedacinho de terra cultivada pelas minhas mãos. Que encanto para os meus olhos: as laranjeiras carregadas, os mamoeiros pinhocados de bonitos mamões, os abacateiros, árvores frondosas, abanando os galhos como para me saldar.

Quando voltei de lá, já estava com bastante apetite e saboreei uma gostosa salada com pão de milho, feitos com frutos do meu trabalho.

01 de Julho de 1960 – 1ª Sexta Feira do Mês, dia de ir a missa.

Hoje, primeira 6ª feira do mês, fomos à missa vespertina. Fomos de trem e voltamos a pé. Não cansamos para fazer a caminhada, pois dez mulheres parecem um bando de galinhas.

As meninas, cada qual cantava, recitava e queria falar mais do que a outra. Quando nos damos conta, já tínhamos chegado em casa. A Zélia da Isabel também tomou parte. Éramos dez: mãe, tias e sobrinhas.

Na hora da missa o padre fez uma prática bonita. Falou que este mês é consagrado ao Precioso Sangue de Jesus e nos ensinou uma jaculatória para rezarmos para pedirmos pelas necessidades da santa igreja. Este mês, de modo especial, quero fazer tudo por amor a Jesus e meditar no preciosíssimo sangue derramado por nós na cruz.

12 de Julho de 1960 – Visita aos parentes em Cristina

Acabo de chegar de Cristina. Eu e a Alda fomos fazer uma visita a tia Goica. Fizemos ótima viagem e um maravilhoso passeio. Batemos um bom papo com os tios e primos que moram em Cristina.

Lá moram dois irmãos do papai: um é o tio Zé Bartolomeu, casado com a tia Lurdes, tem 10 filhos, 3 casados, 1 sargento em Itajubá e 6 em casa. A outra é a tia Goica, casada com o tio Otelo Dotte. Tem 6 filhos: 3 casados e 3 solteiros. Os filhos, não é por serem meus primos, mas são muito bonitos de verdade, tanto as moças como os moços. São animados, alegres e sabem aproveitar a mocidade dentro da moral. Estão sempre prontos para um baile familiar, como é bom ver os primos todos reunidos, na presença dos pais ou então fazendo piquenique, no alto da Serra, saboreando um churrasco e tomando água geladinha que brota nas grotas das serras de Cristina. Acabo de me convencer que a vida, apesar de tudo, é bela.

Cheguei em casa às 6 horas. De São Lourenço para cá viemos a pé. O Sebastião Dotte veio junto para buscar uma empregada para a mãe dele, tia Goica, que é dona do hotel em Cristina. Ele já foi e levou a mucana. O Sebastião é uma das figuras de primos bonitos.

14 de Julho de 1960 – O Veterinário e o Laçador de Vacas

Hoje o Dotte trouxe um veterinário para vacinar o gado dele e também o da Alaíde. Trouxe com ele três homens possantes, um deles muito garganta, começou a caçoar dos companheiros: – Vocês parecem que nunca manejaram um laço para pegar vaca. Esta mestiça vocês estão achando difícil laçar? Pode deixar por minha conta, que eu estou acostumado, laço 300 bois na invernada. Dizendo isto, apanhou o laço da mão do companheiro e aproximou-se da vaca, armando o laço. Não sei o que o atrapalhou que o fez perder o equilíbrio, virando cambalhotas e indo parar na beira do córrego. Dotte e o veterinário esconderam-se para rirem. Papai falou sozinho: – Nunca vi laçar mal tão bem!

18 de Julho de 1960 – Época de Plantações

Agora meu caro, nós vamos conversar só uma vez por semana, por motivo de muito serviço. Estamos na época de preparar o terreno para fazer plantações e um tempo apertado para fazer os serviços. As plantações começam agora e só terminam lá pro mês de novembro. Daí vem a capina, até que chega a colheita. Mas nem que seja resumido, contarei o que acontecer.

25 de Julho de 1960 – Casamento da Cidinha em Aparecida do Norte

Ontem, as 5 da tarde, cheguei de Aparecida do Norte. Fui ao casamento da Cidinha, junto com a Alda. Gostei muito do passeio. O casamento teve bom e divertido. Eu e Alda ficamos no apartamento da noiva no Hotel Recreio. Teve bastante gente, tanto de parentes da noiva como do noivo.

Eu fui mais para agradecer à Nossa Senhora Aparecida muitas graças recebidas e pedir para que meus pais tenham vida e saúde para alcançar a ordenação do filho padre, se Deus quiser. Mamãe, a mais de um mês que está de cama, tem passado muito mal. O médico disse que ela pode morrer de um momento para outro ou também, pode ainda, viver muitos anos.

31 de Julho de 1960 – Visitas à Mamãe

Estou com a cabeça no ar. Nunca vi tanta gente aqui em casa. Esta semana passada veio gente todos os dias visitar a mamãe, mas hoje, até parece que meio mundo combinou de vir passar o dia aqui. Vi cara de todas as bandas de Pouso Alto, de São Sebastião do Rio Verde, de São Lourenço, da Mata da Samambaia, do Córrego Seco, do Pindura Saia, do Pilão sem Tampa. Até a madrinha Nair que mora lá na Toca em sua fazenda dos Pimentas, onde fui nascida e criada. Quando vejo uma pessoa de lá, recordo com saudades e fico até embaraçada sem saber proferir uma palavra.

Quando apontou, chegando em casa, a tia Carmita, madrinha Nair e uma turma de primos, eu dei uma rizadinha amarela, as lágrimas brotaram-me dos olhos. Mas ainda não tive tempo de chorar, achei melhor deixar para outra hora de mais sossego. Fui para o fogão e desci as panelas. Só lá pra banda da tarde que terminou o almoço. Aqui, umas 40 e tantas pessoas. Crianças, parecia um formigueiro, só meus sobrinhos tinham uns 20. Mamãe, por ver todo aquele alvoroço, ficou mais animada e até parece que melhorou um pouco.

Quando estava terminando o almoço, chegou mai uma turminha de parente: uma senhora com as filhas e os netinhos, a qual é prima da mamãe e são velhas amigas desde a infância. Ela é filha do tio Paulino, irmão da vovó Colaca. Fiquei emocionada com o encontro das duas amigas. No semblante de ambas notava-se a recordação e a saudade dos tempos vividos quando eram moças. Agora as duas vovós abraçavam-se. Mamãe disse-lhe:

- Ana, minha querida, você custou, mas veio em minha casa.

Ana respondeu:

- Eu também tenho andado muito doente Maria.

E com muita alegria as duas se “desmilinguiram”.

Eu estava ansiosa para me desocupar logo da cozinha e ir bater um papo com a madrinha Nair para saber as novas da nossa terra. Mas o dia nunca que acabava e não dava pra eu papear e também tinha gente pra todas as quinze bandas da casa. Eu resolvi deixar a conversa para o dia seguinte. Até lá o povo já diminuiu.

1 de Agosto de 1960 – Lembranças dos Pintos dos Negreiros

Sou muito simpática à este mês. Os supersticiosos é que não fazem nada, porque eles acham que este é o mês do azar. Dizem cada coisa que acontece neste mês, que nem é bom falar. Mas eu penso diferente.

Sei que é consagrado a Imaculada Conceição e há muitos anos que tenho a devoção, no dia 15 que é o dia da Ascensão de Nossa Senhora, rezo mil Aves Maria e já recebi milhares de graças neste belíssimo dia.

Hoje, não apareceu nem um camarada para trabalhar. Mandaram me dizer que na 1ª segunda feira de agosto é proibido fazer qualquer serviço. Eu fiquei com uma baita raiva e, apesar de que eles são analfabetos, eu pendurei um pano numa árvore lá na horta, escrito com letra bem grande: “Hoje é feriado para os supersticiosos moradores da Providência”.

Por um lado até que foi bom que eles não vieram trabalhar, porque assim, pelo menos, pude conversar sossegada com a madrinha Nair. Comecei logo cedo a fazer-lhe as perguntas:

- Fale-me madrinha, de tudo e de todos, acaricia a minha saudade daquela terra boa, daquele povo amigo, dos parentes que moravam todos reunidos naquela terra, onde viveram meu bisavô, meus avós, meus pais e grande tempo de suas peripécias da vida de roceiros, minhas irmãs, meu irmãozinho. Foi lá onde nascemos. Tenho saudade daquele tempo. Até das folhas secas que eu pisava, atravessando a mata no caminho dos Pimentas, da criançada que “saracotiavam” nas muralhas e paredões da Casa Grande do vovô.

Mas ela simplesmente me respondeu:

- Aquele tempo já passou e tudo mudou. Não há mais os Pintos dos Negreiros. Lá não tem mais ninguém daquele tempo. Está habitado por gente de caras novas e estranhas. Não é mais como quando o dono de dois mil alqueires de terra e todas as casas eram de sua propriedade. Era tudo governado e mandado pelos Negreiros. O dono de tudo aquilo foi o seu bisavô e o avô de seu pai e do meu marido João Negreiros. Hoje tem milhares de donos. Até a tradicional Casa Grande, que foi feita por escravos, pertence a outros donos. Usina, moinho, paiol, mangueirais e mesmo a casa, estão tudo se acabando. Só resta saudades e o nome, que ainda permanece Pintos dos Negreiros.

9 de Agosto de 1960 – Início da Construção da Casa Nova.

Graças a Deus! Arre, até que enfim estamos iniciando a construção de casa nova. Se Deus quiser agora sai. Hoje, para dar início, já desmanchamos a casa velha. Ainda dá para aproveitar a toda a madeira, que apesar de velha, está tudo em perfeito estado. Papai não queria saber de mexer com casa. Ela estava torta, quase a cair e ele sempre a dizer: – Casa que tem morador não cai. Nem se podia falar em fazer casa. Por isso, eu considero e acredito em milagre e espero e confio em São José e em Nossa Senhora que seja feita a Casa da Providência.

10 de Agosto de 1960 – Namorados

Hoje, festa em São Lourenço, dia santo. Todos os anos é um festão. Eu nunca perco e sempre gostei desta festa. Cada ano que passa, levo o que contar.

No ano de 1957 foi o maior. Arranjei um namorado pela primeira vez e quase morri de paixão por um dos músicos: um big sargento da aeronáutica. Que noite feliz, que baile saudoso. Sonhei com ele, mas descobri que ele era casado. Ah, que falta de sorte a minha.

No ano de 1958 festei ao lado do Manoel, um que conheci em uma viagem ao Paraná. Ele mora lá e veio passar a festa aqui comigo. Afirmamos o namoro. Ele foi embora e sempre me escrevia. Mas não sei se é porque nunca tive mesmo sorte, ele escreveu desistindo. Eu já estava começando a gostar do português que até que é bem bonitinho.

Mas agora não vou perder mais tempo, pois já estou certa que minha vocação é mesmo de ficar solteirona e ajudar a criar os sobrinhos. Acho que solteira também se vive, é só saber viver para levar uma vida cheia e na paz de Deus.

20 de Agosto de 1960 – Barreado da Nova Casa

Hoje estou cansada de verdade. Mas em compensação estou muito contente, pois hoje foi o barreado da casa. Trabalharam aqui cem homens e nós fizemos almoço, café e janta para todos. Levantei de madrugada e já fui para a cozinha fazer feijão e carne para o almoço. Latas de 20 litros entraram em ação para fazer macarrão e batatinha com galinha. Mas eu topei fazer só o almoço. Para fazer a janta, mandei chamar a D^a Francisca, que é uma crioula dobrada e resolvida e entreguei o fogão a ela. Mas fiquei cansada só de ver a labuta penosa dos trabalhadores. Papai marcou para barrear a casa hoje, mas o serviço ainda estava bem atrasado: as paredes ainda faltavam botar os paus à pique e ripar. Água e terra eles carregavam de longe, porque a terra aqui perto é pedregosa. Mas com a ajuda de Deus o serviço rendeu e graças a Deus a casa está quase pronta e faz apenas 11 dias que começou a construção.

A cozinha provisória foi feita numa barraca coberta de esteira, uma pedra serviu para fazer o fogão. Outra maior e meia chata serviu de mesa, outras menores serviram de bancos. Até que ficou bem alinhada e recebemos as visitas como se estivéssemos num bangalô.

Mas o dormitório é que está de deixar saudades: um cômodo grande onde estavam guardados os armários, estante, mesas, canastras, enfim uma tralha completa. E só tinha três paredes, mas não podíamos deixar de dormir aqui, para vigiarmos as coisas que estavam guardadas quase que ao tempo. Para não ficarmos com medo, esparramamos as camas no chão e dormimos muito bem. Por companhia para nos encorajar temos o Afonso, bendito o fruto entre as mulheres. Aláide, Zuza, Maria de Sá e eu, a noite toda, tomamos banho de lua e estrela e uma rajada de vento. De manhãzinha acordamos com pato, galinha, cabrito, cachorro, gato, tudo daninhando por cima da gente.

Tem feito muito frio, mais ainda ao relento. Ainda bem que papai e mamãe estão dormindo num big quarto na casa do Agente da Estação. Nós somos moças e com saúde, topamos qualquer parada. Eu então estou no auge da alegria só de pensar que em breve estaremos na casa nova, que há tanto tempo eu almejava.

Tenho recebido muitas graças. Essa foi uma das maiores. Oh, meu Jesus, eu vos agradeço, obrigada, muito obrigada por tudo: a escritura da minha querida Providência, a casa, a horta, a saúde, a disposição para o trabalho, Obrigada meu Deus.

20 de Agosto de 1960 – Chegada da Terezinha

Hoje amanheceu um dia lindo, limpo e logo raiou o sol brilhando e ventando, vento do dia de São Bartolomeu.

Fui dar uma volta na horta para ver como estão as plantas. Com o reboiço de fazer casa eu até me esqueci e descuidei da horta. Estava distraída e nem vi o trem passar, quando eu vi a Dorinha, veio correndo e me disse: – Corre, vamos encontrar com a Terezinha. Ela chegou de expresso. Que coisa boa, de fato, Terezinha está aqui com o Francisco, seu marido e 5 filhos. Mora em Maringá no Paraná. É nossa irmã e estamos muito contentes com a sua chegada e mamãe ainda mais, pois ela está doente e a filha morando tão longe. Agora ambas podem matar as saudades.

30 de Agosto de 1960 – Reunião da Família

Hoje passei o dia muito feliz. A mame está bem melhor e saiu do aposento e veio passar o dia aqui no barraco, porque a casa ainda não está acabada. Mas mesmo no barracão, fizemos um festão com a reunião da família. A mamãe muito contente ao lado do papai e todas as filhas. Só faltou o único filho, futuro padre, que está em Roma. Eu e a Zuza tivemos que pular para fazer o almoço. A minha tarefa foi a de tomar conta dos assados e lidar no forno. Ao meio dia dei tudo no ponto de servir: um cabrito, seis patos e seis galinhas gordas. Correu tudo bem e animado.

Depois do almoço combinamos de tirar retrato para que fique na história este dia, que por acaso reuniram-se todas as irmãs, 25 netos e 2 genros. Alegramos os nossos queridos pais, que com toda a satisfação, se sentaram na cabeceira de uma grande mesa no terreiro em frente do barraco. Eu e a Zuza servimos a criançada e as manas casadas. Zuza, com a buia da criançada, falou-me meio nervosa: – Que mães mais folgadas, deixam os filhos por conta da gente. Eu que também vou tratar de me casar, porque terei mais cartaz.

A maior foi quando fomos aprontar para tirar retrato. Cada qual queria ficar mais bonita. Isabel, que nunca usou pintura, ficou parecendo uma amora. Dorinha enrolou o cabelo, que nem podia rir. Alaíde esticou o cabelo, que ficou igual folha de bananeira. Terezinha e Iolanda exibiram o penteado bossa-nova. Zuza arrepiou-se toda e me disse: – E você Glorinha, não vai se aprumar? Eu simplesmente respondi: – Não posso mudar a feição.



Depois que tiramos a foto, fizemos uma roda e começamos a conversar e bater papo. Mamãe falou umas palavras e nós ficamos comovidas. Isabel começou a chorar. Papai também, mas quando viu a careta feia da Isabel, não continuou o pranto. E eu, sem querer, assim que dei com os olhos nela, dei uma risada e ela me disse: – Você não tem coração, pois de alegria também se chora.

O resto do dia foi pouco para as manas conversarem, trocarem idéias no modo de criarem os filhos, como deve tratar o marido. Vi que o assunto não era interessante para mim e fui lavar e guardar as loucas. Só agora é que estou sossegada, que cessaram os trabalhos do dia.

10 de Setembro de 1960 – Recaída da Doença da Mamãe

Hoje estive aqui o Padre. Veio trazer comunhão para a mamãe. Ontem ela passou muito mal. À noite o filho do Agente veio me chamar, que ela estava mal e que o pai dele já tinha telefonado para o tio Niquinho que tomou um carro e veio imediatamente e trouxe os remédios. Graças à Deus hoje ela está passando bem. Tia Carmita soube que a mamãe não estava boa, veio à pé, não poupou de fazer a caminhada e chegou aqui em pranto. Está lá ao lado da cabeceira da mamãe.

Mamãe, graças a Deus, é muito resignada, é uma criatura que nunca teve boca para murmurar e queixar dos reveses da vida.

16 de Setembro de 1960 – Casa Nova pronta

Ontem estiveram aqui em casa a tia Donana, tia Geralda e uma nora. Vieram visitar a mamãe, que graças a Deus está passando melhor. Geraldo, marido da Dorinha, chegou. Vai ficar aqui por alguns dias. Hoje veio a Isabel e três primas da mamãe: Ilda, Nair e Maria Tiodora.

A casa, graças a Deus, está pronta. Eu e a Zuza que pintamos. Estamos com as mãos toda arrepiada de lidar com cal. Mas o serviço está bem feito e depois de pronto ficou bem bonitinha. Estou contentíssima. Segunda feira, se Deus quiser, a mamãe vem para a casa nova. Até lá estará tudo no lugar e em ordem na paz de Deus. Amanhã é sábado, vou ver se trabalho com diligencia para dar conta do serviço e por tudo em dia.

18 de Setembro de 1960 – Visitas

Ontem lutei o dia todo e não dei conta de por as coisas no lugar. Também, cada armário do tamanho de um bonde. Até que eu montasse e estudasse como eu poderia passar com aqueles museus, de um lado para outro, o dia passou sem que eu percebesse e o serviço ficou pela metade.

Hoje é domingo, não é dia de trabalhar. Nem que eu quisesse fazer alguma coisa, não daria. Teve visitas o dia todo: os parentes de Pouso Alto, as irmãs da mamãe e os cunhados tio Antonio e tio Vicente. De São Lourenço vieram um irmão, tio Teófilo, tia Augusta e uma vizinha. Também veio o Tomas, irmão do papai que mora em São Paulo. Veio com a perua lotada, trazendo também o Laerte, Alda e tio Niquinho. As visitas chegam, ficam um pouco na Estação no quarto da mamãe, que logo manda me avisar para preparar o café ou botar mais água no feijão.

Hoje estreei a cozinha da casa nova. Passei o dia todo no fogão. Só agora que os trens já passaram é que pude refrescar as idéias e sair da roda do fogão. Arre! Não fiz nada que aparecesse, mas estou com o coração batendo nas pernas. E contar parece mentira, mas já faz 6 dias que não vejo mamãe.

19 e Setembro de 1960 – Mudança para a Casa Nova

Graças a Deus estamos na casa nova e tudo está em seu lugar. Obrigado meu Deus, breve irei cumprir minha promessa na Aparecida do Norte. Hoje o meu trabalho foi leve e agradável. O agente Clemente, que nos ajudou na construção da casa, mais do que se fosse parente próximo, é muito atencioso e prestativo, pois só de arranjar o armazém da Estação para guardarmos a mudança e também arrumou um confortável quarto para papai e mamãe, em sua própria casa.

Pois isso foi tão grande favor, que não há dinheiro que possa pagar. A senhora dele, Dona Jorgina, por mais de um mês zelou pela mamãe como se fosse uma filha muito dedicada.

Hoje, para trazer a mudança, ele trouxe tudo no trolinho. Eu só fiz um pouco de força só para carregar e descarregar o trole e colocar os móveis no lugar. No mais, eu saboreei ir e voltar de trole. Eu como sei que o estado de saúde da mamãe, não lhe permite fazer nenhum esforço, eu pensei em trazê-la carregada. Mas mamãe também veio de trole. Gostou e veio muito bem e já está em seu quartinho. Já jantamos todos reunidos e graças a Deus está tudo muito bom.

25 de Setembro de 1960 - Visita tia Goica / Viagem a Campanha / Ai meu pé.

Dia 23 tia Goica esteve aqui e nós fizemos piquinique lá no Cafundó, para ela conhecer os terrenos que o filho Zé Dotti arrendou. Ela gostou muito. De fato o Dotti já fez bastante progresso: um retiro alinhado e o gado está bonito, chiqueiro lotado de bonitos porcos, uma galinhada de chamar a atenção.

Dia 24 fui com a Dorinha em Campanha visitar suas filhas. Fizemos boa viagem, só o que não foi muito agradável é que a Superiora nos deu uma chamada pelo mau comportamento das meninas. Mas enfim, elas estão no colégio é para serem educadas.

Hoje de manhã papai me chamou para virar o fumo e não sei como foi que o cambito escapou e o pau de 3 a 4 arrobas caiu em cima do meu pé, que na mesma hora ficou um pão. Enxerguei vagalumes de todas as cores e só não chorei de vergonha. Estou pisando em ovos, não posso nem apalpar.

28 de Setembro de 1960 - Destruição da Horta pelas Vacas

Hoje já bate a manhã sem consolo por dois motivos. Um foi que duas vacas pousaram na horta e a desordem foi tão grande que eu fiquei sem saber como fazer. Resolvi trabalhar por outro lado. Botei os camaradas na terra de arroz. Chamei a Dorinha e as crianças para ajudarem. Mas papai chegou e ralhou comigo dizendo para sairmos do brejo que isso não era serviço para nós. Eu fiquei sem saber o que fazer e sem coragem de contemplar a destruição da horta.

01 de Outubro de 1960 - Queixas e Lamentações

Que dia lindo amanheceu hoje. Aqui na roça é que se pode admirar a beleza da natureza. Ontem choveu a noite toda e agora um sol de estio, fazendo brilhar as montanhas e árvores frondosas, agradecendo a chuva que o sol já fez penetrar na terra.

Fazia tanto tempo que não chovia e agora que a horta ia ficar bonita, as vacas nos fizeram o obséquio de estragar as plantações. Não ficou um só pe de couve, nem repolho, nem couve-flor, para contar a história. E o canavial também lá se foi, eu já tinha mandado até fazer engenhoca. O bananal, com tantos cachos, está com as folhas todas quebradas. Mas isso não passa de descuido.

Entrou o mês do rosário. Eu quero ver se rezo todos os dias e quero ver se me corrijo um pouco com minhas queixas e lamuriações, que me faz ser muito indelicada e faltar com a caridade, até com os próprios irmãos e os pais. Reconheço que sou mesmo bem impossível, quando quero uma coisa, não sei me conformar. Não me domino e faço barbúrdia. Que horror! Isso não é papel de uma filha de Maria, que deve dar o bom exemplo e ser conformada com os reveses da vida. Oh Maria, minha boa mãe, preservai-me de todo pecado.

13 de Outubro de 1960 – Recomeço da Plantação da Horta

Hoje, meio constrangida, fui trabalhar na horta, recomeçar todo o serviço que foi desfeito pelas vacas. Trabalhei com vontade de ver as plantas, que antes eu via com tanto entusiasmo e agora tenho de plantar tudo de novo. Mas não estou desanimada, já semeei de tudo e já está tudo nascidinho e breve, se Deus quiser, a horta estará bonita novamente.

Este ano estou meio desanimada com a lavoura, que é a maior força na lavoura, porque o Cafundó está arrendado. Este ano vamos plantar menos e cuidar mais para colher ao menos para a despesa. A terra de arroz está pronta, mas tenho que esperar o dia que papai bem quiser que plante. Eu, de minha alta recreação é que não vou mais meter a cara, para ter que voltar chulé para casa, carregando o saco cheio.

14 de Outubro de 1960 – O Susto

Estou com o coração desse tamanho de susto e medo que passei no caminho da casa do Dito Picheiro. Fui lá para pedir umas mudas de hortaliça. Fui sozinha. Estava um calor de desabotoar o palito. Tinha hora que o sol embaralhava a minha vista e eu andando de passos largos para chegar logo. Mas quando eu estava no meio do caminho fiquei sem saída, pulei uma enorme cascavel. Mas a cobra não me assustou tanto, quanto o gado que surgiu na minha frente. Eu sem poder sair do lugar. Atrás de mim a cobra com a cabeça em pé armando o bote, do lado de cima tinha o barranco e a mata virgem, do lado de baixo o rio e a capitiva.

Mas Deus não desampara ninguém. Eu me encostei no oco do barranco e fiz uma prece. De repente apareceu um cachorro e espantou o gado para longe e a cobra desapareceu. Eu terminei minha caminhada e voltei com a cesta lotada de mudas de diversas qualidades, que já estão todas plantadas. Amanha quero levantar cedo para aguçá-las porque a seca está brava.

O Geraldo escreveu uma carta para a mamãe, dizendo que escreveu para o Arimathéia dando as notícias daqui, que papai fez a casa e aproveitou até os pregos da casa velha e com uma porta só ele fez três. Mas da horta ele diz que não teve coragem de contar o estado que ele encontrou. O Geraldo tem razão de reprovar a perda da horta, porque ele é que deu o começo e me ensinou como se deve cuidar. Ele lá do Paraná já me mandou sementes boas, legítimas de ótima qualidade. Ele escreve sempre para o Arimathéia. Ele está com medo da decepção que ele terá quando chegar esperando encontrar um jardim. Mas se Deus quiser eles não hão de decepcionar-se, mas sim, verão uma horta como a que eu acabei de presenciar hoje. Agora eu estou adquirindo mais prática e terei mais cautela para vedar o gado.

15 de Outubro de 1960 – Chorona

Hoje almoçou aqui o veterinário, o Dotti e o Carlos Vital, que veio fazer o recenseamento da população do Aterrado. Eu fiquei com muita vergonha porque eu estava com a cara de onça machucada, não sei porque, hoje levantei chorando. Isto é coisa que sempre me acontece, por mais que eu queira evitar, não consigo passar uma semana. Isto é velho, quando eu era criança me chamavam de manteiga e abóbora d'água e até hoje por causa de uma palha, é aquela enchente de lágrimas. O pior é que fiz voto de não chorar, pelo menos agora, no mês do Rosário. Mas qual nada, parece que foi pior. Parece que fiz o voto vice-versa. Eu mesma não sei explicar porque, mas a vida tem sempre destas coisas. Seja o que Deus quiser.

18 de Outubro de 1960 – Intenção de Pedido de Casamento Vicente x Zuza

Hoje começamos a plantar arroz. Papai chamou um vizinho que tem uma máquina de mão e a tal plantou bem o arroz. Papai estava bem animado administrando os camaradas. Mas quando ele soube que o Vicente acabara de chegar ali na Estação e eu ainda cai na tolice de falar para ele preparar-se para receber o futuro genro que iria fazer o peditório de casamento com a Zuza, papai virou uma pilha de nervo e do jeito que estava, botou o chapéu na cabeça e entrou na charrete que já estava pronta para levar o leite e ficou por lá até tarde e não apareceu para o Vicente. O pior é que papai fez o ouvido da coitada da mame de paiol. A Zuza, eu acho que está resolvida a casar, mesmo contra a vontade do papai.

20 de Outubro de 1960 – O leiteiro chegou e gritou: – Carta para a Dorinha!

Vale-me meu Santo Onório, pois estou bem desnorteada com tantos problemas difíceis para resolver. O casamento da Zuza, contra a vontade do papai, que está velho. Tenho medo dele nesta idade não suportar uma contrariedade. Acho que ele, como um bom pai, está no direito. Mas a Zuza também tem o direito de querer casar, e uma vez que ela escolheu o Vicente para casar, o pai pode fazer ela enxergar os defeitos dele e preveni-la para o futuro, mas proibi-la de casar não está certo. Mas papai não conforma e é dessas pessoas que falou tá falado. Se ele diz que pau é pedra, então tem que ser.

Hoje eu e a Dorinha estávamos plantando arroz, quando o leiteiro chegou e gritou: – Uma carta para a Dorinha. Ela leu em voz alta a carta do marido. Na parte que ele diz que já está com a casa montada em Terra Boa no Paraná e que no começo do ano ele vem buscar a família, eu não pude conter as lágrimas, mas não deixei a Dorinha perceber, porque ela manifestou muita alegria e satisfação com os dizeres do marido. Em fim, seja o que Deus quiser.

20 de Outubro de 1960 – Plantações / Fofocas

Hoje o serviço rendeu. Terminamos a plantação de arroz: dez alqueires esse ano. O terreno ficou bem preparado, com esgoto fundo, não está brejo como antes, e o serviço bonito e bem caprichado. Também já plantamos feijão e um pouco de milho, fava, feijão miúdo, abóbora, muganga, pepino, melancia, melão e meio alqueire de aipim, um saco de inhame. Portanto a horta está toda plantada. Papai fechou aqui mais perto de casa um quarto de terra ligando com a horta e vai arar, por isso ainda temos muito serviço. Eu quero que tenha mesmo, assim eu me distraio e me ajuda a não se curvar para carregar a cruz.

Sábado Zuza foi fazer compras para suprir os camaradas e a tia Carmita veio com ela. Agora a pouco nós nos reunimos para bater um papo. Surgiu o assunto do casamento da Zuza. Zuza disse que está rezando e fazendo novena de missa e comunhão e se for da vontade de Deus, ela quer casar com o Vicente. Tia Carmita disse:

- Isso mesmo, falar não resolve, devemos entregar nas mãos de Deus que ele resolve do melhor modo.

O Afonso também deu o palpite dele:

- Isso que é verdade, falar não adianta, mas aqui falam demais. Iolanda, Isabel, Alaíde, Dorinha e Glorinha, que é a que mais fala e que ninguém dá crédito. A Zuza é a que menos fala e para mim é a melhor da turma. Por isso que não querem que ela case. Agora, se fosse a Glorinha, já casava tarde.

Isibido do Afonso, eu não disse nada, mas virei uma jararaca. Oh, meu Deus, será que sou tão ruim!

25 de Outubro de 1960 – Venda de 5 vacas por 120 contos, um montão de gaita.

O sol já vai sumindo, a noite vem vindo, mais um dia que passou. Eu, caminhando para casa, observando o que foi feito. Hoje, dez camaradas terminaram de arar o terreno, um big baixadãozinho, e destocaram mais um bom trecho da vargem da Providência. Eu e a Dorinha carpimos 5 litros de feijão, que está um orvalho.

Dotti almoçou aqui e o papai fez negócio com ele: vendeu 5 vacas dando leite por 120 contos. Que montão de gaita por tão pouca coisa. O dinheiro está mesmo desvalorizado. Como diz o papai, que se tenha o que vender, o dinheiro não se come. Eu, quantas vezes já chorei e sapateei de medo do papai fazer negócio e ficar devendo um montão de juros. Lutar como ele sempre lutou, sempre corajoso, confiante e esperançoso. Os negócios dele sempre dão certo, eu é que sou uma pessimista, mas de hoje em diante vou ter mais confiança em Deus e em meu pai, que graças a Deus, sabe o que faz e é muito fervoroso e bom cristão.

26 de Outubro de 1960 – Trabalho junto com os camaradas

O gosto do papai é fazer movimento, nem que não tenha serviço, ele arranja, para dar o que fazer aos camaradas. Sempre fala para os camaradas que serviço não falta. Gosta de pagar bem, por isso chove camarada querendo trabalhar para ele. Hoje o papai me falou: Vai tomar conta dos camaradas, que vou viajar. Acho que sou mesma filha de pai. Peguei junto com a turminha e no fim do dia já tinha dois alqueires de arroz plantados e capinamos o canavial e a mandioca.

1 de Novembro de 1960 – Como é boa a vida na roça.

Hoje, dia de Todos os Santos, senti não poder ir a missa, pois choveu o dia todo, mas ouvi missa pelo rádio junto com a mamãe e papai. As manas estão passeando. Eu é que sou feliz, sossegadinha em casa, escutando o barulho da chuvinha lá fora, a alegre orquestra dos sapos pela vargem. Dizem que na roça tudo é triste, até o jeito de cantar. Mas eu não acho, pois a vida, principalmente na roça, apesar de tudo, é bela e romântica, depende da gente querer ser feliz e ter prazer com a vida.

Tudo nos distrai, nos torna agradável e nos admira, assim como o instinto de uma galinha. Ela mesma se aninha no mato e daí uns dias ela se apresenta rodeada de lindos pintinhos. As vacas, assim que clareia o dia, vem ao encontro dos filhos no curral e cada uma nos fornece dez litros de saboroso leite. E será que ainda podemos nos queixar, decerto que não.

8 de Novembro de 1960 – Plantação de Batata

Estes dias que passaram, sem que eu desse as minhas novas, mas cá estou, um pouco atrasada, mas lá vai tudo o que ocorreu nesta semana, que passou tão depressa, apesar dos dias serem infintos, como dizem os trabalhadores de roça. Segunda, terça e quarta, fizemos plantações aqui na Providência. Quarta, eu conversando com o Dotti, ele me disse que tem 50 sacos de sementes de batata para plantar e que ele reservou uma baixada, um terreno de primeira no Cafundó, e que eu posso plantar de meia com ele.

O bom Deus está me ajudando e o Dotti me favorecendo. Na mesma hora fiquei com vontade de ir para lá, mas quinta e sexta feiras tive que ficar por aqui mesmo, já estava com serviço começado para terminar sábado.

Domingo, primeiro do mês das almas, fui à missa e a reunião das filhas de Maria. Ontem e hoje trabalhei no Cafundó. Fui com 3 camaradas. Plantamos milho e feijão na parte pior do terreno e preparamos a parte melhor para plantar batatas. Depois que mudamos do Pimentas, é a primeira vez que vou voltar a plantar batatas. Acho que é a melhor lavoura para negócio. Fica caro o adubo, mas em apenas três meses desempata o capital e quando não dá muchação ou outras doenças e que seja uma colheita favorável, é uma mão na roda, a gente tira o pé do lodo. O terreno do Cafundó é próprio para isso. Parece que já estou enxergando o lindo batatal e logo mais a batatada. Oh, que beleza, obrigada meu Deus, muito agradecida, a gratidão atrai novos benefícios.

15 de Novembro de 1960 – Lavoura Espetacular

Já não posso dizer diário, nem semanário, porque não tenho tido tempo e nem observo que o mês está no meiado. Graças a Deus estamos com uma lavoura espetacular, serviço é mato, mas não tem faltado camaradas. Nesses 15 dias o serviço apareceu e com a bondosa chuva, tudo que está na terra brota. Ainda não terminamos a plantação e já tem muita coisa no ponto de carpir. No Cafundó fechei a plantação com 6 sacos de batata, uma quarta de milho e uma de feijão. Aqui na Providência o serviço não termina. Sempre tem alguma coisa para plantar. Cada mês é próprio para uma coisa, portanto serviço tem o ano todo.

25 de Novembro de 1960 – Visita da Isabel / Carta do Ex-Broto

Hoje de manhã eu estava tão triste, a minha disposição era só vontade de chorar. Minha tristeza durou pouco, graças a Deus. No primeiro trem chegou a Isabel e dois filhos e os dois da Alaíde. No mesmo instante reuniu a criançada como um bando de andorinhas alegres esvoaçando pelos campos. Isabel veio convidar para a formatura da filha Zélia no dia 8 de dezembro em Barbacena.



Pomar / Horta do Carmo - Sítio da Providência: Alaíde, Tigró, Zé Arimathéia, Zélia, Zé Nilton, Bete, Zuza, Bebê, Marilda, Ivone, Márcia, Vilker, Vilciléia, Valnir Jaime.

Recebi carta do Manuel, meu ex-broto e já respondi. Eu tinha decidido não escrever mais para ele desde que ele me mandou 50 cruzeiros para que eu não lhe negasse uma resposta. Aí é que eu não lhe escrevi mesmo, pois será que ele pensa que com dinheiro é que se adquire amizade? Mas esta última carta que ele mandou eu gostei, porque ele demonstra sincera amizade com toda minha família, por isso respondi imediatamente. O casório da Zuza está meio parado. A semana passada ela foi passear na casa da sogra e ela voltou meio desanimada, agora não sei se ela está planejando alguma surpresa para nós. Mas se a Zuza desistir do Vicente, eu gosto bem, porque não vou muito com a cara dele.

26 de Novembro de 1960 – Mamãe Doente

Está tudo muito bom, mas só a mamãe é que está passando muito mal hoje. Tio Niquinho veio vê-la e nos disse que está sem esperanças da mamãe recuperar a saúde. Papai hoje de manhã me disse: – Sua mãe passou malíssima esta noite, ficou fria como a frieza da morte. Mas seja feita a vontade de deus. Ele quis continuar falando, mas um soluço cortou sua voz. Coitado do papai, ele é muito conformado. Eu tenho esperança e confiança em Nossa Senhora, se for da vontade de deus, mamãe vai viver mais um pouco, para esperar a ordenação do filho, se Deus quiser. Sagrado Coração de Jesus, confio e espero em Vós.

28 de Novembro de 1960 – Vovó

Mamãe continua acamada. Hoje, com muito esforço e o auxílio das filhas, ela levantou-se e andou do quarto até a sala para receber a Sagrada Comunhão do frei Filóteo, que veio trazer Jesus para conforta-la, anima-la e aceitar a enfermidade, com a graça de Deus.

Mamãe graças a Deus é uma boa criatura, resignada, fervorosa, muito piedosa, humilde e caridosa. Foi criada sem luxo, ficou órfã de pai ainda bem pequena. Vovó viúva cuidou dos 10 filhos, não era rica, mas criou todos com a graça de deus. Fez todos casarem e viveu 83 anos. No dia que vovó completou 80 anos, realizou o casamento da primeira neta Isabel, filha da mamãe. Nesse dia reuniu-se os 10 filhos e 80 netos na saudosa Chácara da Vovó. Eu estava lá.

29 de Novembro de 1960 – Família Real

Hoje mamãe está melhor. Dormiu bem à noite e hoje alimentou com mais disposição. Mamãe ficou muito contente com a promessa do frei Filóteo de arranjar lugar no seminário para os filhos da Alaíde e da Dorinha.

Eduardo, vulgo Príncipe, veio visitar a mamãe. Uns tempos atrás ele sempre vinha aqui, mas agora comprou um caminhão novo por 1 milhão. Ele só anda em estradão. Estradinha como a da nossa casa não serve mais. Deus que o ajude em seus negócios, pois ele por ser muito bom, até mereceu o nome de Príncipe. A Alda é tão boa quanto ele e também merece ser a Princesa. A mãe é a Rainha. Eu me sinto honrada com isso, pois sou parente da família real.

5 de Dezembro de 1960 – Proposta de mudança da mamãe para Pouso Alto

Hoje teve 3 camaradas capinando arroz. Estamos superlotados de serviço. A lavoura está toda no mato, nem sei onde eu devo capinar primeiro. As plantas estão saindo bonitas, mas o mato está mais. O Dotti me disse que o batatal no Cafundó está bonito e no ponto de aterrar.

Vamos a outro assunto. Papai e mamãe vão morar em Pouso Alto. Eu não estou gostando muito porque lá fica bem fora de mão. Mas tenho que concordar com a maioria. Mamãe não está passando bem e quer muito ir, porque lá ela pode comungar todos os dias. Isabel é que deu essa idéia e aluga a casa dela do segundo andar para nós. Alaíde e Zuza acham que é ótima idéia montar casa na cidade, pois já fica a espera do padre Arimatéia. De fato a casa é ótima, mas o lugar. Pouso Alto é bananeira que já deu cacho e não vai mais para a frente. Mas chega, eu devo me aquietar, pois nunca se pode falar dessa água eu não bebo.

Mamãe estando lá, eu irei vê-la, mas farei meia volta antes do banco esquentar. Enfim, não devo de falar, pois lá é a terra adorada da mamãe, onde ela passou grande parte de sua vida e temos muitos parentes que moram em Pouso Alto.

Acho que a Dorinha também vai dar a despedida, vai morar no Paraná. Geraldo escreveu para a Dorinha dizendo que está tudo arrumado e que é para ela ir nos primeiros dias de dezembro. Mas nós queremos que ela vá depois do natal. Todos estão de acordo com a ida dela e ela está muito contente, só eu é que nem gosto de pensar.

18 de Dezembro de 1960 – Visitas / Ida a Campanha / Lavoura

Domingo passei o dia cheio, a casa superlotada de povos de todas as bandas: um punhado de filhos do tio Joaquim, outro tanto da tia Donana, tio Niquinho, padrinho João que há tanto tempo não dava as caras por aqui, a professorinha Zélia e dois irmãos Sebastião e Márcia, a Dorinha com a filharada, inclusive as duas que estão estudando em Campanha. Ontem fui lá para traze-las.

Cheguei em Campanha as 23:00 horas, com grande atraso do trem. Telefonei do hotel para a Irmã Rosário e pedi a ela se podia liberar as meninas àquela hora para tomar o trem de madrugada. A irmã disse para pegá-las as 3:00 horas. Fui de madrugada ao Colégio e as 4:00 horas partimos no trenzinho Maria fumaça. As 9:00 horas chegamos aqui em casa. A viagem foi maravilhosa. Para quem mora na roça um passeiozinho é bem agradável.

Vamos papear um pouco sobre o assunto da lavoura. A semana passada tive tres dias aterrando o batatal do Cafundó, que está uma beleza. No arrozal teve camarada capinando durante toda a semana e está também muito bonito. O batatal que plantei aqui também está bonito, mas não tanto quanto o do Cafundó. Plantei 50 pés de café, que pegaram e estão bonitinhos. Plantei por toda a divisa da Providência pés de eucalipto, mas as formigas cortaram e não sei se ainda vai brotar.

As bananeiras estão todas com cacho. O milho está muito bonito, tanto os daqui como o da roça do Cafundó. Batata doce, inhame, mandioca, cenoura, nabo, rabanete, pimentas, couves, quiabo, jiló, pepino, tomate, repolho, chuchu, tudo isso, graças a Deus, tenho para saborear no almoço e no jantar e ainda sirvo os vizinhos.

18 de Dezembro de 1960 – Aniversário da Mamãe / Carta do Arimatéia

Hoje, aniversário da mamãe, comemoramos os seus 66 anos. Mamãe saiu da cama e foi para a sala para cumprimentar as filhas e netos, receber ramallete espiritual dos netos. Isabel leu em voz alta a carta do Arimatéia. Que carta, valeu por todas. Papai chorou.

Ele diz que no ultimo dia da novena da Imaculada Conceição, que na igreja maior do mundo, que o papa rezou e ele respondeu e pediu pela saúde da mamãe e que no fim o papa deu à benção para todos os doentes e que ele ofereceu a novena pedindo para que a mamãe sare logo, que agora ele está com mais pressa de ser padre para poder ser mais dedicado e útil na parte espiritual para toda a família. Quanto vale um padre na família!

25 de Dezembro de 1960 – Natal

Natal, e que grande felicidade, como Jesus nos ama. Os três reis magos fizeram uma grande caminhada para adorar o Menino Jesus e hoje Jesus veio aqui em casa. A mamãe teve a felicidade de receber a santa Comunhão pelas mãos do frei Jervásio. A casa estava cheia de crianças, além dos netos, 13 filhos do Gabriel, afilhado da mamãe e padrinho do Arimathéia. Passaram o dia aqui. O Eduardo também almoçou aqui. Depois do almoço, na sala do presépio, mamãe chamou a todos para rezar um terço em ação de graças em louvor ao Menino Jesus. Ela, com a voz fraca, mas fez questão de contemplar os mistérios e tirar o canto do natal “Noite Feliz”. A criançada cantou como se tivessem ensaiado muito tempo. E assim com muita alegria, passamos o natal.

31 de Dezembro de 1960 – Ano Novo / Despedida da Dorinha e Filhos

Hoje, ultimo dia do ano, tenho que agradecer milhares de graças que recebi durante todo o ano. Não tenho palavras, mas meu coração sabe sentir e em tudo ver o dedo do Criador e nosso Redentor que nos conforta nas horas de angústia, nunca nos dá sofrimento sem recompensa, a dor conta os segundos, a felicidade esquece as horas. Eu, graças a Deus, devo me julgar a criatura mais feliz, pela bondade e os belos exemplos de meus queridos pais.

Dorinha partiu no trem das 9:00 horas. Levou 8 filhos. As 4 meninas ficaram para estudar em Campanha. Eu fiz tudo para ver se não chorava, mas na hora da despedida, não pude conter as lágrimas quando o papai abençoou a Dorinha dizendo: – No céu e na terra, louvemos a Deus. Vai minha filha, junto ao teu marido. É seu dever. Vai e cumpre a sua missão de esposa e mãe cristã, que Deus te abençoe.

Papai fez silêncio e mamãe tomou a palavra: – Minha filha, nós vamos sentir muito falta de você e das crianças, ma o dever te chama. Vai com Deus, nas minhas orações você será sempre lembrada.

E daí o pranto foi geral. A mamãe, quando o Arimatéia partiu para a Itália ela não chorou. Foi forte e despediu-se do filho dizendo:

- Vai contente meu filho, que eu também fico muito alegre.

Mas agora, coitada, talvez por estar doente e pensar que talvez despeça da filha sem esperança de encontrá-la mais. Isso não podemos afirmar, mas Deus sabe o que faz. O certo é que a Dorinha já foi.

Como passou depressa um ano e meio. Como está triste agora sem a Dorinha rodeada de gatinha, que estou “turtuviada”, sem assunto, sem jeito até de trabalhar por toda a Providência. Enxergo a mana e as crianças lá do lado que fica a casinha de sapé onde ela morou. Eu daqui de casa, da horta ou do arrozal sempre acompanhava o que se passava lá. O alvoroço das crianças, ela lavando roupa na bica de água cristalina. Eu vou custar muito para esquecer do tempinho que a mana morou aqui. Seja feita a vontade de Deus.

O dia hoje passou igualzinho eu. De vez em quando o sol mostrava a cara e de repente “embruscava” e a água derramava. Eu também, fazendo um grande esforço, fazia cara de alegre e enxugava as lágrimas quando entrava no quarto do papai e mamãe, que estão também bombardeados. Eu estou com os olhos tão inchados e o nariz vermelho que nem pude ir a missa da meia noite. A Zuza foi com os meninos. Iolanda chegou aqui no trem da noite. Foi boa a presença dela e das filhinhas. Alivia um pouco a falta da Dorinha. Agora a pouco rezamos o terço em família. No fim o papai rezou meio engasgado, três Aves Maria por intenção da turma, para eles fazerem uma boa viagem.

Eu sou muito manhosa. Acho que nunca passei uma noite de insônia, mas hoje acho que vai ser difícil. O sono sumiu, pois já são 22:00 horas. O papai está com o rádio ligado e vai esperar a meia-noite para ouvir a missa de passagem de ano. Eu também quero ouvi-la, vai ser na rádio Aparecida. Vai ser irradiado a benção do Papa João 23 para todo o mundo.

Bem, tenho que parar de papear, pois esta é a última folha desse caderno e o último dia do ano. A meia noite está chegando e eu quero preparar o coração para receber Jesus e começar bem o Ano Novo. Amanhã, primeiro domingo do ano e do mês. Não posso deixar de ir à missa. Meu Jesus, eu me ofereço toda a Vós, meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração, inteiramente todo meu ser. Guardai-me e defendei-me de todo o mal, para que nunca possa ofender-vos.

Até o Próximo Ano.



Tigró colhendo laranjas de seu pomar no Sítio da Providência